

Embates e silêncios: Lideranças Partidárias do Legislativo no Twitter

Helga do Nascimento de Almeida¹
<https://orcid.org/0000-0001-7245-4288>

Larissa Peixoto Vale Gomes²
<http://orcid.org/0000-0003-0615-1830>

Resumo: Entendendo que a internet tem se constituído como lugar central para o debate político, inaugurando inclusive o fenômeno da “twittocracia”, em que atores políticos utilizam a plataforma para a publicização de seus posicionamentos, este trabalho analisou o discurso dos vinte e oito líderes partidários da Câmara dos Deputados, em um mês que potencializou os debates entre Oposição e Governo - abril de 2020 -, consolidando o dismantelamento da coalizão governativa e o isolamento do Executivo federal. Buscou-se assim demonstrar, através do uso do Twitter, que a coalizão governativa de Jair Bolsonaro se encontrava desgastada e que as lideranças da situação estiveram em silêncio diante dos eventos críticos enfrentados pelo governo. Apesar da pulverização partidária da Câmara dos Deputados, há dois polos argumentativos identificáveis: um dos oposicionistas e um dos governistas.

Palavras-chaves: Elites políticas. Líderes partidários. Câmara dos Deputados. Poder Executivo. Twitter.

¹ Professora adjunta de Ciência Política da Universidade Federal do Vale do São Francisco no Colegiado de Ciências Sociais. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí. Doutora e mestra em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do grupo de pesquisa “Politik - Centro de Estudos em Instituições, Participação e Cultura Política - UNIVASF”. Pesquisadora do “Centro de Pesquisas em Internet e Política” - CEPPI - UFMG.

² Pesquisadora do Centro de Políticas Públicas do País de Gales, Universidade de Cardiff. Possui doutorado e mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Abstract: Understanding that the internet has been constituting a central place for political debate, inaugurating even the phenomenon of “Twittocracy”, where actors use the platform to publicize their positions, this work analyzed the speech of the twenty-eight party leaders of the Chamber of Deputies in a month that boosted the debates between the Opposition and the Government - April 2020 -, consolidating the dismantling of the governing coalition and isolation of the federal executive. So, we tried to demonstrate, through the use of Twitter, that the governing coalition Jair Bolsonaro appeared worn and that the leaders of the situation were silent before the events that forced the government faced. And even though, despite the party dispersion of the Chamber of Deputies, there are two identifiable argumentative poles: one of the oppositionists and one of the governists

69

Keywords: Political elites. Party leaders. Chamber of Deputies. Executive power. Twitter.

Resumen: Entendiendo que internet se viene constituyendo en un lugar central para el debate político, inaugurando incluso el fenómeno de la “Twittocracia”, donde los actores políticos utilizan la plataforma para dar a conocer sus posiciones, este trabajo analizó el discurso de los veintiocho líderes partidarios de la Cámara de Diputados en un mes que impulsó los debates entre la Oposición y el Gobierno - abril de 2020-, consolidando el desmantelamiento de la coalición gobernante y el aislamiento del Ejecutivo federal. por eso intentamos demostrar, a través del uso de Twitter, que la coalición gobernante Jair Bolsonaro lucía desgastada y que los líderes de la situación han guardado silencio ante los hechos críticos que enfrentó el gobierno. Y aunque, a pesar de la fragmentación de la Cámara de Diputados, hay dos polos de argumentación identificables: uno de los opositores y otro de los gubernamentalistas.

70

Palabras clave: Élites políticas. Líderes de partido. Camara de los Diputados. Poder Ejecutivo. Twitter.

De repente, ou nem tão de repente assim, o Brasil se viu diante de dois grandes problemas em 2020. O primeiro, de ordem da saúde pública, foi trazido com a chegada da pandemia de Covid-19 no país. O outro, de ordem política, foi causado por tensões entre o Executivo federal e os demais poderes.

Em relação à crise política, abril de 2020 se mostra como mês em que a democracia esteve sob máxima pressão. No pano de fundo, estava um presidente da República que rechaçou sistematicamente as recomendações das autoridades internacionais de saúde e que foi inepto em coordenar ações de enfrentamento à pandemia no território nacional. O resultado, no âmbito político, foram as controvérsias como tônica.

De fato, a estabilidade do presidencialismo brasileiro depende em grande medida da construção de base legislativa fortalecida no Congresso Nacional. É central que o Executivo consiga estar bem alinhado com os líderes partidários, figuras que têm grandes poderes de agenda dentro da arena legislativa. No entanto, o governo de Bolsonaro apresenta uma inabilidade em se relacionar com outro poderes, resultante do discurso anti-instituições e da negativa em negociar com as lideranças legislativas.

Entendendo que a internet tem se constituído como lugar central para o debate político, inaugurando o fenômeno da “twittocracia” (ALMEIDA et al., 2019; 2020), em que atores políticos utilizam a plataforma para a publicização de seus posicionamentos, este trabalho analisou o discurso dos vinte e oito líderes partidários da Câmara dos Deputados, em um mês que potencializou os debates entre Oposição e Governo - abril de 2020 -, consolidando o desmantelamento da coalizão governativa e o isolamento do Executivo federal.

Este artigo busca assim demonstrar, através do uso do Twitter, que a coalizão governativa de Jair Bolsonaro se encontrava desgastada; as lideranças da situação estiveram em silêncio diante dos eventos críticos que o governo enfrentou; e, apesar da pulverização partidária da Câmara dos Deputados, há dois polos argumentativos identificáveis: um dos opositoristas e um dos governistas.

Para tanto, na primeira parte do trabalho foi feita a discussão sobre a importância das lideranças partidárias no presidencialismo de coalizão e sobre o relacionamento instável entre o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, e o Poder Legislativo. Em um segundo momento, discutiu-se o fenômeno da “twittocracia” e a forma com que a mídia social Twitter pode demonstrar os movimentos dentro

da esfera política. Na terceira parte, dissertou-se sobre a metodologia do artigo e, por fim, foram apresentadas as análises derivadas de estudos estatísticos, a saber: análises de frequência estatística e linha do tempo; análise de correlação; análise da aplicação do algoritmo de Reinert para visualização de clusters de palavras nos discursos; e, por fim, a análise léxica por frequência a partir do algoritmo Quanteda para a visualização dos discursos de líderes da oposição e governo.

Presidencialismo de coalizão, lideranças partidárias e o contexto Bolsonaro

A existência do presidencialismo de coalizão tem sido discutida desde a redemocratização (ABRANCHES, 1988). Nota-se que o Executivo brasileiro não somente tem amplos poderes legislativos e prerrogativas únicas (FIGUEIREDO; LIMONGI, 1988; 2009), mas que sua capacidade de legislar e governar depende de uma base de apoio no Congresso.

No entanto, com o sistema proporcional de lista aberta, são poucas as chances de um presidente ou presidenta governar com maioria e sem aliados, ou seja, sem uma coalizão de apoio dentro do Legislativo (RENNÓ, 2006). Caso o Executivo não obtenha apoio parlamentar suficiente para a aprovação de sua agenda legislativa, ele corre sério risco de ter seus projetos em paralisia decisória. Governos em contexto de presidencialismo de coalizão optam, dessa forma, pela via da negociação, reduzindo custos futuros de ter projetos rejeitados depois de esforços feitos e aumentando a chance de obtenção dos resultados pretendidos. O que se vê, portanto, é que a agenda do Executivo não é de fato “do Executivo”, mas sim uma construção da maioria, ou seja, dos partidos no Legislativo que apoiam o Executivo. Sendo assim, as agendas substantivas de políticas do Executivo e do Legislativo tendem a ser complementares e não antagônicas (FIGUEIREDO; LIMONGI, 2009).

Por outro lado, deputados e deputadas tendem a ter menor conexão individual com agendas, e o apoio é menos programático e mais pragmático. Dessa forma, para que o Executivo consiga de fato conduzir sua agenda, é necessário que seja costurado o esforço de feitura de uma ampla coalizão, consolidada através de cargos e verbas (SANTOS, 2003).

Outro motivo decisivo na estabilidade do presidencialismo brasileiro são as regras fortemente concentradoras da operação do legislativo federal, por

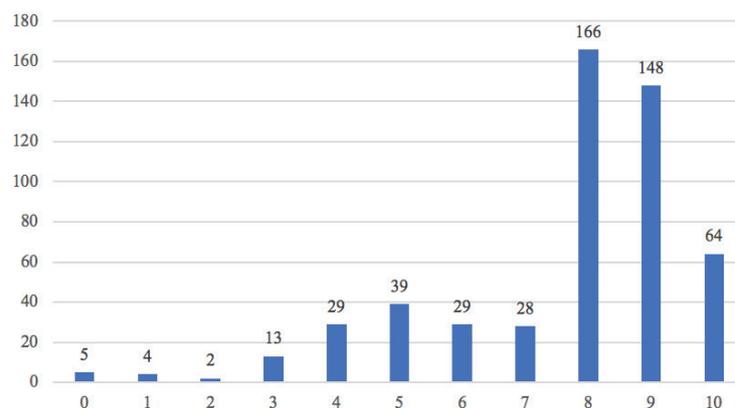
exemplo, as regras que conferem poderes fortes de agenda aos líderes partidários (FIGUEIREDO e LIMONGI, 1998; 1999; 2009; SANTOS, 2003).

Assim, a relação do Executivo com o Legislativo é mediada pelo líder do partido do presidente. Sendo que o Colégio de Líderes existe formalmente apenas na Câmara dos Deputados e é “colegiado constituído pelas lideranças de partidos, de blocos de partidos, da maioria e da minoria do governo e funciona como instância de resolução de conflitos interpartidários e de consulta do presidente da Mesa Diretora” (MIRANDA, 2010, p.208). Em relação às lideranças partidárias, a literatura especializada nos indica que suas prerrogativas foram fortalecidas consideravelmente em 1988, na segunda etapa dos trabalhos da Assembleia Constituinte, como estratégia para dar maior celeridade às negociações entre as forças políticas (MIRANDA, 2010; GOMES, 2006). Segundo Miranda (2010), líderes partidários são centrais no processo legislativo, principalmente na Câmara dos Deputados, onde há dilemas práticos de ação coletiva a serem superados. Em votações nominais, por exemplo, os votos do plenário são precedidos pelo encaminhamento do voto dos líderes partidários, o que é “uma oportunidade regimentalmente assegurada para que eles informem publicamente quais serão os votos dos seus respectivos partidos” (LIMONGI; FIGUEIREDO, 1995, p.4), sinalizando, dessa forma, o posicionamento oficial do partido; e o segundo é a orientação de voto à bancada.

Partindo do entendimento de que o Legislativo é peça chave, quando a questão é a estabilidade do presidencialismo brasileiro, e ainda que líderes partidários tenham fulcral importância no processo decisório do presidencialismo brasileiro, investiga-se aqui os embates e silêncios entre o governo Bolsonaro e as lideranças partidárias no Twitter. Para tanto, é imprescindível que se contextualize o relacionamento entre Bolsonaro e a Câmara dos Deputados, relação essa que tem se mostrado bastante instável.

No caso do primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro (2019), de acordo com o Observatório do Legislativo Brasileiro (2020), a maioria governista dominou as votações nominais. A medição foi feita através de algoritmo que diferencia votos e votações por ordem de importância, e o resultado é um ranking que posiciona os parlamentares numa escala que varia de zero a dez, em que quanto mais próximo do zero mais perto da atuação oposicionista; mais próximo de dez, mais perto da atuação governista.

Gráfico 1 - Número de deputados por nota no ranking de governismo.



Fonte: Observatório do Legislativo Brasileiro, 2020.

No fim de 2019, a inconstância da relação de Bolsonaro com o Legislativo fica claramente demonstrada. Um dos marcos ocorreu no momento em que o presidente brasileiro abala sua própria base aliada ao sair do partido que era filiado, o PSL (Partido Social Liberal), anunciando a criação de um novo partido, o “Aliança Pelo Brasil”. Sem ter conseguido estabelecer a legenda até hoje, Bolsonaro segue como presidente sem partido. Apesar do PSL seguir na base governista, Bolsonaro perdeu, oficialmente, um líder dentro da Câmara.

Além disso, em 2020, o relacionamento do presidente da República com o Legislativo se torna ainda mais oscilante pelas grandes discordâncias em relação às escolhas de políticas públicas no enfrentamento à pandemia. O Brasil tem seu primeiro caso de Covid-19 computado em 26 de fevereiro de 2020.

No recorte temporal realizado neste artigo, também se puderam observar episódios de tensão entre governo e Câmara dos Deputados, a partir da análise do acervo de postagens no Instagram do Jornal Folha de S. Paulo. Em 1º de abril, por exemplo, depois da disputa acirrada entre Executivo e parlamento, há a sanção do projeto de auxílio emergencial de R\$600,00 para a população de baixa renda, mas inicialmente o Executivo havia proposto R\$200,00. O mês então segue preenchido de contendas entre Poderes, como em 7 de abril, data em que é feito o pedido público do então presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, que o presidente da República respeitasse a ciência no combate à pandemia e não “fritasse” o ministro da Saúde.

Em 14 de abril, a Câmara dos Deputados aprova socorro aos estados, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, defende o veto ao projeto. Em 16 de abril, Jair Bolsonaro acusa o deputado Rodrigo Maia de conspirar para tirá-lo do Palácio do Planalto e ainda diz que este teria péssima atuação. Em 19 de abril, Bolsonaro

discursa em manifestação contra o Congresso e a favor da intervenção militar no Brasil; afirma não querer negociar com o Congresso. Nesse meio tempo, em 16 de abril, Bolsonaro demite seu ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. Em 23 de abril, o então ministro da Justiça, Sérgio Moro, pede demissão do governo. No entanto, na contramão, em 2 de maio, Bolsonaro ameaça os ministros que não derem cargo ao “Centrão”.

Outra variável que chama atenção para a desconexão entre Câmara dos Deputados e presidente da República é o montante de vetos presidenciais que foram derrubados pelo Congresso nesse ínterim. De acordo com Santana e Gontijo (2020), até 19 de agosto de 2020, 28% dos vetos presidenciais foram derrubados, percentual muito superior às médias apresentadas pelos presidentes pós-1988. O que mais se aproximou foi Michel Temer, com 14,09% de vetos.

Dada a flutuação do relacionamento entre Bolsonaro e Congresso Nacional, especificamente a Câmara dos Deputados, e a centralidade das lideranças partidárias no processo decisório – e sua função de amarrar cooperações ou emular antagonismos entre Executivo e Legislativo –, este artigo se propõe a investigar melhor o modo como esses líderes utilizaram suas respectivas agências em contexto visível de tensão entre Poderes, especificamente na mídia social Twitter.

“Twitchocracia” e líderes partidários

De acordo com Pippa Norris (2001), o surgimento de múltiplas oportunidades de informação política e comunicação é uma realidade e com isso estaríamos vivendo a emergência de um sistema político virtual. Este pode ser identificado pela abrangência com que as instituições do governo e a sociedade civil têm absorvido as tecnologias de informação e comunicação e pela ampla estrutura de oportunidades políticas para a cidadania ativa e participação cívica que surge (NORRIS, 2001).

Especificamente em relação ao Poder Legislativo, pode-se afirmar que este ainda é visto pela opinião pública como uma caixa preta com alguns pontos de transparência. Contudo, dado que se vive agora com o advento da internet a Era da Visibilidade (COLEMAN, 2010), em que há a construção de canais de comunicação entre as elites políticas e os cidadãos, principalmente a partir das tecnologias de informação e comunicação (TIC), pode-se vislumbrar a consolidação de maior proximidade entre representantes e representados a longo prazo. Cria-se assim um ciclo que se retroalimenta, em que cidadãos “serão atraídos

pelo parlamento quanto mais informações e proximidade tiverem com ele, ao mesmo tempo que, quanto mais interessados pelo parlamento, mais informações serão demandas pelos cidadãos aos representantes” (ALMEIDA, 2017, p.90). Além disso, a comunicação de representantes via canais disponíveis na internet possibilita a construção de um relacionamento mais direto com representados, sem mediação externa (BENTIVEGNA, 2012)

De fato, atores políticos, e em grande medida os atores legislativos, utilizam a internet para se comunicarem entre si e entre seus pares. Leston-Bandeira (2007) chega a dizer que a indagação que questionava se parlamentos estariam utilizando a internet já estaria superada - os parlamentos e parlamentares têm utilizado a internet. Dessa forma, o ponto agora seria investigar como e qual o impacto desse uso na atividade legislativa.

Para tanto, Almeida (2017) apontou diversos *masbups* entre internet e parlamento/parlamentares e distinguiu as seguintes possibilidades comunicacionais:

- 1) Quanto aos atores institucionais parlamentares
 - 1.a) Parlamentar; 1.b) Partidos (ou bancadas); 1.c) Parlamento.
- 2) Em relação ao momento:
 - 2.a) Momento eleitoral; 2.b) Momento entre eleições.
- 3) Quanto às ferramentas usadas:
 - 3.a) *Websites*; 3.b) Mídias Sociais. (ALMEIDA, 2017, p.92-93)

Para este artigo, a unidade de análise é o parlamentar que encabeça a bancada partidária, o chamado líder partidário, e a ferramenta comunicacional foco é a mídia social Twitter. A importância de estudar as lideranças partidárias e o uso que têm feito do Twitter pode ser bem justificada pela colocação de Sathler *et al* (2019) em estudo sobre o uso que lideranças partidárias fizeram do Facebook: “as lideranças partidárias são consideradas *bunkers* estratégicos dos partidos nas casas legislativas. Nelas são construídos os posicionamentos das agremiações nas questões legislativas e mesmo de projetos de políticas do Poder Executivo no Congresso” (SATHLER *et al*, 2019, p.316).

Especificamente, o foco no Twitter tem a ver com o fenômeno da “twittocracia” (ALMEIDA *et al.*, 2019; 2020). Este é um modelo comunicacional entre representantes e representados em que o principal canal de comunicação com cidadãos e, muitas vezes com os demais atores políticos, é o Twitter. O fenômeno da “twittocracia” tem transformado o Twitter em canal para pronunciamentos oficiais tanto em relação ao plano da política interna quanto ao da política externa. De fato, o Twitter parece ser propício para tal, já que se trata de uma plataforma

que permite mensagens sucintas, de 280 caracteres, possibilitando trocas rápidas, constantes e simplificadas entre representantes e representados. Sendo assim, funciona a partir de uma lógica mais próxima ao microblog (MENDES, 2014), ou seja, o usuário escolhe de quem quer ler os relatos, denominados *tweets*, e não é automática a adesão recíproca de leitura. Usuários escrevem seus diários, e, especificamente os atores políticos, expõem naquele espaço suas opiniões e ações políticas, transformando suas contas em canais “oficiais” de seus mandatos, descrevendo os fatos a partir de seus próprios pontos de vista.

O fenômeno da “twittocracia” também existe para o Executivo, como já demonstrado nas análises de Trump e Bolsonaro (ALMEIDA et al., 2019; 2020). Neste trabalho, pretende-se entender como se dá o uso do Twitter no caso de líderes partidários na Câmara dos Deputados. Tal é a importância da mídia social na política contemporânea que, segundo Ott (2017), estaríamos vivendo a “Era do Twitter”.

Em outubro de 2020, o Twitter informou que o Brasil seria o 4º país com o maior número de usuários (são 16,65 milhões), abaixo apenas de Estados Unidos (68, 7 milhões de usuários), Japão (51,9 milhões de usuários) e Índia (18,9 milhões de usuários)³. No entanto, é relevante que se ressalte que o impacto do Twitter vai além dos usuários que possuem contas na plataforma e das *cyberbases* (ALMEIDA, 2017)⁴ dos atores políticos que frequentam as redes: suas falas no Twitter têm extrapolado a própria mídia social e impactado a sociedade como um todo. A partir de uma pesquisa feita com profissionais do jornalismo sobre o uso do Facebook e do Twitter, por exemplo, Mendes (2014) conclui que as mídias sociais “participam da rotina dos jornalistas e estão inseridas nos processos de seleção dos fatos, de apuração e de checagem” (MENDES, 2014, p.109). Essa importância do Twitter para representantes, representados e sociedade indica a relevância dessa mídia social na vida política do país.

Ademais, deve-se entender que as práticas *online* não estão apartadas das práticas *offline*, sendo descabida a divisão mundo real e mundo virtual. O que de fato se pode ver é um *continuum* entre a política feita no mundo *online* e no mundo *offline*, assim, em termos de comportamentos políticos, o que acontece *offline*

³ <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/>

⁴ Almeida (2017) define *cyberbase* como grupo de apoio de um parlamentar em uma mídia social, sendo esta maior que sua base eleitoral de fato.

impacta na atividade política *online* e o que acontece *online* tem desdobramentos no *offline*. O que torna a pesquisa sobre os posicionamentos públicos das lideranças partidárias no Twitter ainda mais relevante, já que o que pôde ser visto na mídia social entre 1º de abril e 8 de maio de 2020, é um momento de tensão entre o parlamento brasileiro e o chefe do Executivo; o modo como a crise política foi vocalizada por algumas das figuras mais importantes no corpo político do Congresso Nacional.

Metodologia

As unidades de análise deste artigo são os líderes partidários da Câmara dos Deputados: vinte e oito deputadas(os) líderes dos partidos e blocos:

Tabela 1. Líderes partidários da Câmara dos Deputados, Brasil, 2020

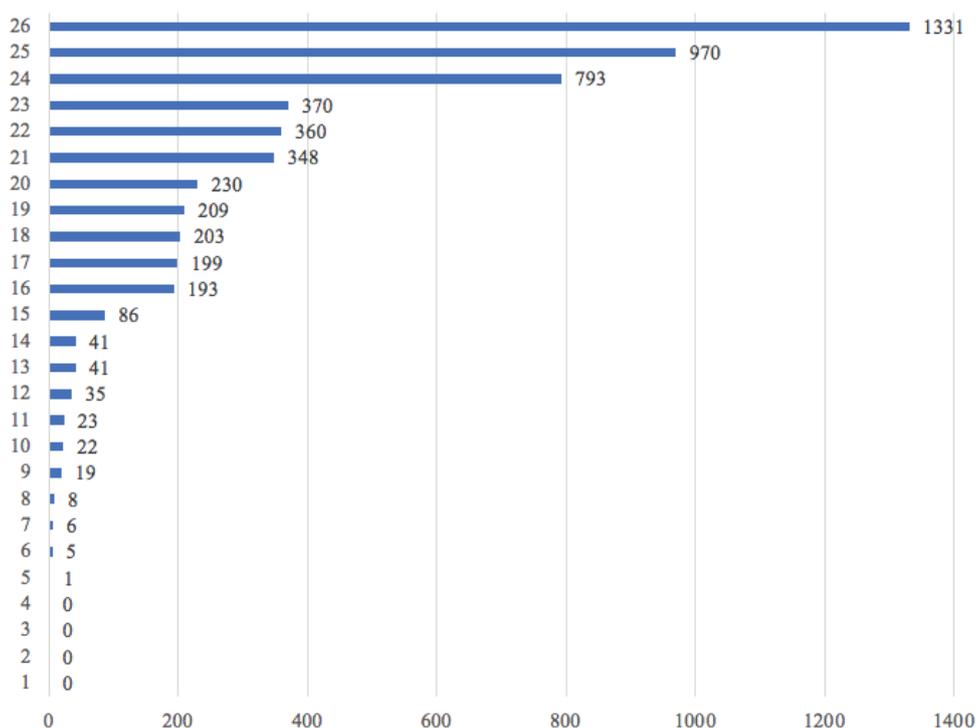
Partido ou bloco que é líder	Líder	Twitter
Partido Republicano da Ordem Social	Acácio Favacho	acaciovavacho
Liderança da Maioria (PP)	Aguinaldo Ribeiro	depaguinaldo11
Partido Socialista Brasileiro	Alessandro Molon	alessandromolon
Partido Social Cristão	André Ferreira	andrepsc20
Liderança da Oposição (PDT)	André Figueiredo	andrepdt12
Cidadania	Arnaldo Jardim	ArnaldoJardim
Bloco (PP/40, PL/39, PSD/37, MDB/34, DEM/27, SOLIDARIEDADE/14, PTB/12, PROS/10, AVANTE/7)	Arthur Lira	ArthurLira_
Movimento Democrático Brasileiro	Baleia Rossi	Baleia_Rossi
Partido da Social Democracia Brasileira	Carlos Sampaio	carlossampaio_
Partido Social Democrático	Diego Andrade	não tem
Democratas	Efraim Filho	efraimfilho
Partido dos Trabalhadores	Ênio Verri	enioverri
Partido Verde	Enrico Misasi	enricomisasi
Partido Socialismo e Liberdade	Fernanda Melchionna	fernandapsol
Patriota	Fred Costa	fredcosta5133
Republicanos	Jhonatan de Jesus	jhonatan_djesus
Rede Sustentabilidade	Joenia Wapichana	joeniawapichana
Partido Social Liberal	Joice Hasselmann	joicehasselmann
Liderança da Minoria (PT)	José Guimarães	guimaraes13pt
Podemos	Léo Moraes	DepLeoMoraes
Avante	Luis Tibé	LuisTibeOficial
Partido Novo	Paulo Ganime	pauloganime
Partido Trabalhista Brasileiro	Pedro Lucas Fernandes	deppedrolucasf
Partido Comunista do Brasil	Perpétua Almeida	perpetua_acre
Liderança do Governo (PSL)	Vitor Hugo	MajorVitorHugo
Partido Liberal	Wellington Roberto	wr22
Partido Democrático Trabalhista	Wolney Queiroz	wolneyqueirozm
Solidariedade	Zé Silva	ZeSilva

Fonte: As autoras a partir de dados do portal da Câmara dos Deputados

O recorte temporal foi de 1º de abril a 8 de maio de 2020, momento histórico de intensos debates e discordâncias entre Executivo e lideranças, dadas as escolhas urgentes de políticas públicas de enfrentamento à pandemia de Covid-19. Atenta-se que o deputado federal Diego Andrade é o único que não tem Twitter.

Os dados foram coletados com a plataforma *Netlytic*, que utiliza APIs. O universo de *tweets* dos perfis públicos das lideranças contabiliza 5493 *tweets*, o que pode ser visto na tabela de frequência a seguir. Também foram coletados o universo da conta de Bolsonaro, @jairbolsonaro, 291 *tweets*, com o objetivo de entender o momento político em todo seu contexto.

Tabela 2. Número absoluto de tweets por liderança partidária, Câmara dos Deputados, Brasil, 1 de abril a 8 de maio de 2020



Fonte: As autoras

A análise foi feita a partir das categorias Situação e Oposição, ou seja, entre os líderes partidários que se mobilizaram pró-governo e os líderes que se mobilizaram em oposição ao governo. Essa escolha foi feita por ser uma marcação mais clara de posicionamentos, dado o contexto brasileiro de pulverização partidária e polarização ideológica.

Para a classificação dos líderes partidários em relação ao governo Jair Bolsonaro, utilizou-se a publicação “Como votaram os congressistas no primeiro

ano do governo?”, do Observatório do Legislativo Brasileiro (2020), em que, em escala de 0 a 10, 10 indica atuação mais favorável à posição governista, e 0 indica atuação mais oposicionista. Definiu-se, então, que partidos que pontuaram até 6 (PT, Rede, PSB, PDT) se caracterizam como oposição ao governo, bem como aqueles que pontuaram mais do que 6 (PMN, PV, PROS, Avante, Podemos, Solidariedade, Cidadania, PTB, Republicanos, PL, PSD, MDB, PP, PSDB, PSC, DEM, Patriota, Novo). Para a classificação, também foi levado em conta o partido do líder da maioria e da minoria. Como o PSOL não consta na análise feita pelo OLB, classificou-se o partido como oposição, a partir da tipologia de Codato *et al.* (2020), já que a legenda está categorizada à esquerda do espectro ideológico.

Tabela 3. Líder partidário por posição em relação ao Governo Bolsonaro, Câmara dos Deputados, Brasil, 2020

Líder	Posição em relação ao governo Bolsonaro
Arthur Lira	Situação
Aguinaldo Ribeiro	Situação
José Guimarães	Oposição
André Figueiredo	Oposição
Vitor Hugo	Situação
Luis Tibé	Situação
Arnaldo Jardim	Situação
Efraim Filho	Situação
Baleia Rossi	Situação
Perpétua Almeida	Oposição
Carlos Sampaio	Situação
Wolney Queiroz	Oposição
Ênio Verri	Oposição
Wellington Roberto	Situação
Paulo Ganime	Situação
Acácio Favacho	Situação
André Ferreira	Situação
Diego Andrade	Situação
Joice Hasselmann	Situação
Fernanda Melchionna	Oposição
Alessandro Molon	Oposição
Pedro Lucas Fernandes	Situação
Enrico Misasi	Situação
Fred Costa	Situação
Léo Moraes	Situação
Joenia Wapichana	Oposição
Jhonatan de Jesus	Situação
Zé Silva	Situação

Fonte: As autoras a partir de Observatório do Legislativo Brasileiro (2020) e CODATO et al. (2018)

A seguir, apresentam-se análises estatísticas e léxicas com o intuito de entender o modo como se movimentaram oposição e situação em um dos momentos históricos mais delicados do governo de Jair Bolsonaro até aqui.

Líderes partidários X Executivo: Embates e silêncios

O recorte de tempo deste artigo levantou diversas idiosincrasias do governo Bolsonaro. Com a pandemia de pano de fundo, quaisquer dúvidas em relação à unidade, cooperação e apoio da base governista em relação ao chefe do Executivo foram sanadas. A conclusão foi de que as relações entre Poder Legislativo e governo são instáveis.

A partir das análises a seguir, é possível observar o que se passou no recorte histórico aqui estudado. Naquele momento, o presidente vai por duas vezes em manifestações anti-Congresso, anti-STF e a favor da intervenção militar, em 19 de abril e 4 de maio. Falas fortes contrárias às recomendações de saúde são ressaltadas em público pelo presidente, como em 28 de abril, quando Bolsonaro diz sobre as mortes de brasileiros: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Além disso, o chefe do Executivo faz pronunciamento em 8 de abril defendendo o uso da hidroxicloroquina, substância não recomendada pela Organização Mundial da Saúde. Para aumentar a tensão, dois ministros fortes, Luiz Henrique Mandetta, ministro da Saúde, e Sérgio Moro, ministro da Justiça, saem do governo. Diante desse panorama, o resultado é o de “bater em retirada” comunicacional dos líderes governistas e o silenciamento na mídia social mais importante para a política, o Twitter.

A primeira análise aqui proposta se dá partir da linha do tempo construída por meio do recorte estudado neste artigo. Assim, os principais fatos foram sublinhados a partir da análise de 578 posts feitos pelo maior jornal Folha de S. Paulo, entre o período de 1º de abril a 8 de maio, na mídia social Instagram⁵. A escolha pelo Instagram e pela Folha de S. Paulo se deram por destacarem os episódios mais importantes.

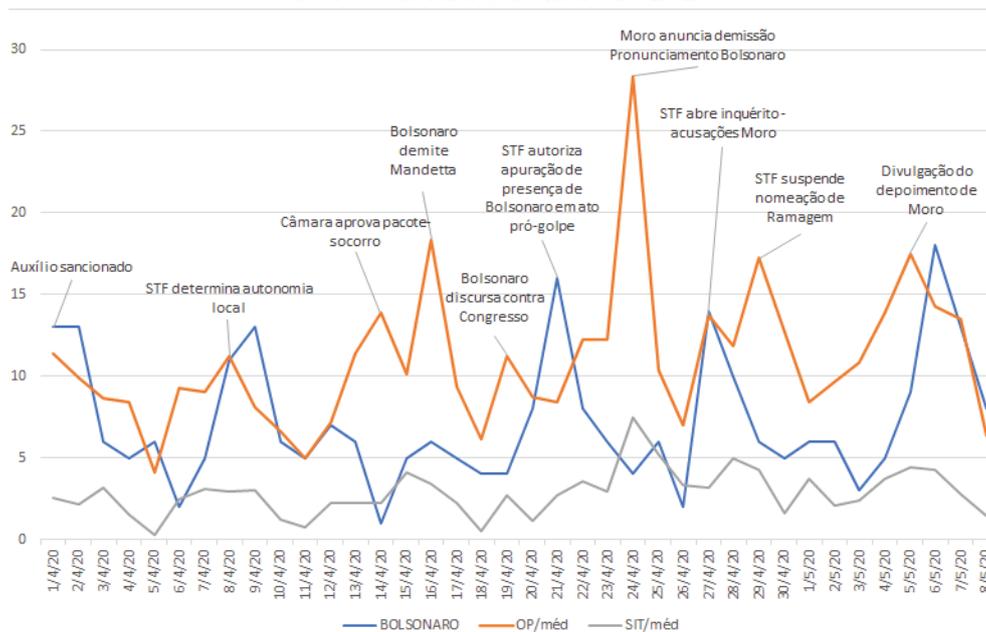
No gráfico abaixo, em laranja, estão dispostas as médias diárias de *tweets* das lideranças de oposição e, em cinza, as das lideranças de situação, no intervalo estudado. Além disso, a título de comparação e contextualização, estão em azul os números absolutos dos *tweets* de Jair Bolsonaro.

⁵ <https://www.instagram.com/folhadespaulo/>

Já de início, pode-se perceber a inferioridade da curva de *tweets* dos líderes partidários que compõem a base governista e os líderes partidários que compõem a oposição. O próprio Bolsonaro tem curva superior à média de todos os líderes partidários governistas, o que aponta que durante esse tempo ele esteve sozinho em sua própria defesa.

Além disso, alguns episódios específicos chamam atenção para a atividade política desses 38 dias. Os dois maiores picos de *tweets* ocorreram nos momentos das demissões dos dois ministros fortes do governo. O primeiro em 16 de abril, quando o ministro Mandetta sai da pasta de Saúde, e o segundo em 24 de abril, quando o ministro Moro sai da pasta da Justiça. Nesse momento, pode-se ver o aumento das médias de postagem dos líderes opositores ao governo. Há, além disso, dois pontos altos que mostram o forte posicionamento da oposição no Twitter: em 29 de abril, quando o Supremo Tribunal Federal suspende a nomeação de Alexandre Ramagem como novo chefe da Polícia Federal, dada sua ligação pessoal com a família de Jair Bolsonaro; em 5 de abril, quando ocorreu a divulgação do depoimento de Moro.

Gráfico 2. Linha do tempo dos principais episódios no contexto dos três Poderes no nível federal e médias de tweets de líderes partidários da oposição e situação (na Câmara dos Deputados) e do presidente Jair Bolsonaro, Brasil, de 1º de abril a 8 de maio de 2020



Fonte: As autoras

Na comparação disposta na tabela abaixo, podem-se ver as diferenças das métricas de *tweets* entre oposição e situação no período todo. No caso da situação, a média de *tweets*/dia é de 56,84 *tweets* e, no caso da oposição, a média de *tweets* é de 87,7, ou seja, a oposição “tweetou” em média 35% a mais que a situação no período analisado. Além disso, os valores percebidos no número mínimo e máximo de *tweets* daqueles que fizeram *tweets* mostra diferenças de presença na mídia social. Os líderes da situação fizeram entre 6 a 149 *tweets* por dia, e os líderes de oposição fizeram entre de 33 a 227 *tweets* por dia.

Tabela 4. Frequência de tweets por dia por grupos de líderes partidários da Câmara dos Deputados e de Jair Bolsonaro, Brasil, 1º de abril a 8 de maio de 2020

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Jair Bolsonaro	1	18	7,26	3,99
Oposição	33	227	87,71	35,24
Situação	6	149	56,84	28,02

Fonte: As autoras

Aprofundando na investigação da presença de líderes partidários no Twitter, no momento de crise, investigou-se a existência de correlação estatística entre as duas variáveis. No teste, através da Correlação de Pearson, comprovou-se que, de fato, há correlação entre as frequências diárias de *tweets* e o posicionamento em relação ao governo daquela liderança. Com 95% de confiança, há 0,435 de significância entre a respectiva posição perante o governo e o número de *tweets* feitos.

83

Tabela 5. Correlações entre frequência de tweets e posicionamento de líderes partidários da Câmara dos Deputados em relação ao governo, Brasil, 1º de abril a 8 de maio de 2020

		Frequência	OposiçãoXSituação
Frequência	Pearson Correlation	1	,435*
	Sig. (2-tailed)		,021
	N	28	28
OposiçãoXSituação	Pearson Correlation	,435*	1
	Sig. (2-tailed)	,021	
	N	28	28

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: As autoras

Seguindo, operou-se segundo teste de correlação com o objetivo de entender se havia algum tipo de concomitância relativa entre as frequências

dos *tweets* das lideranças da situação e das lideranças da oposição. Interessante que, com 99% de confiabilidade, há 0,744 de significância entre tais variáveis. Isto indica que, apesar dos números médios de *tweets* bastante diferentes, oposição e situação “tweetaram” nos mesmos dias, ou seja, quando um “tweeta” o outro “tweeta”.

Tabela 6. Correlações entre data dos tweets e posicionamento de líderes partidários da Câmara dos Deputados em relação ao governo, Brasil, 1º de abril a 8 de maio de 2020

		Frequência de tweets_Oposição	Frequência de tweets_Situação
Frequência de tweets_Oposição	Pearson Correlation	1	,744**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	38	38
Frequência de tweets_Situação	Pearson Correlation	,744**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	38	38

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

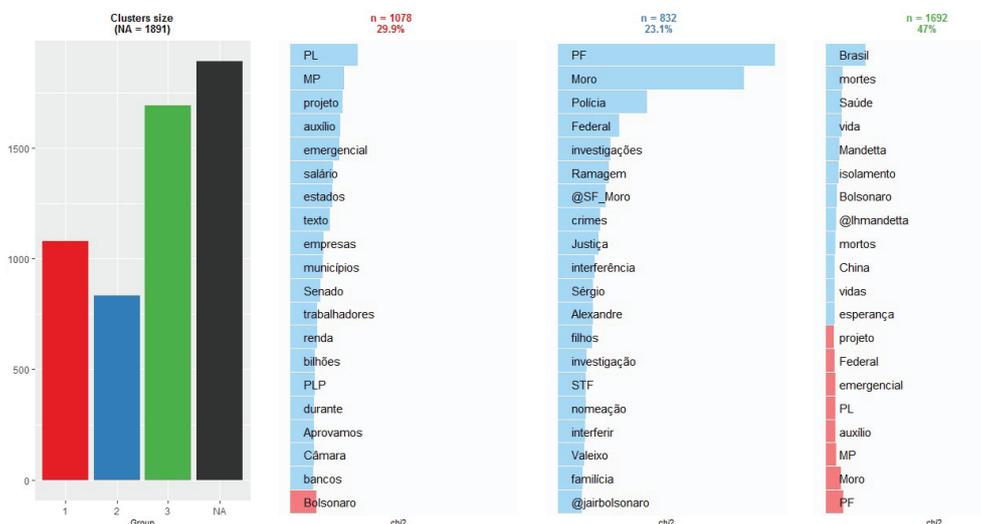
Fonte: As autoras

Para entender com mais precisão por onde passaram os argumentos das lideranças partidárias no recorte estudado, explorou-se, em primeiro lugar, a base de dados a partir do algoritmo de Reinert, especificamente o pacote *rainette* para R, que sublinha, a partir de análises estatísticas de correlação, os *clusters* de termos que mais ocorreram no recorte analisado. Definiu-se que fossem identificados os três maiores *clusters* de palavras presentes nos *tweets* dos líderes partidários. O maior grupo, que engloba em si 47% dos *tweets*, trata da Covid-19. Teve como as palavras mais faladas: Brasil, mortes e saúde, o que chama atenção para a importância que a pandemia teve para as lideranças partidárias. Em segundo lugar, aparece um *cluster* menor, porém mais homogêneo, que engloba 29,9% dos *tweets* identificados e foca em questões relativas ao projeto de lei do auxílio emergencial e todos os imbróglis entre estados e municípios. Já o terceiro *cluster* foi composto por 23,1% dos *tweets* e tratou de palavras relacionadas à saída do governo do ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, resultante da mudança de comando da Polícia Federal.

A observação dos *clusters* aponta, portanto, para três eixos políticos polêmicos que mobilizaram as lideranças partidárias em suas mídias sociais. Além disso, os três tópicos trataram de questões sensíveis para a presidência da República, questões estas que geraram embates entre governo e Câmara dos Deputados. Frente a situações polêmicas e que mostravam a fragilidade do

governo federal, fica claro o porquê da estratégia dos líderes de oposição ter sido falar e a dos líderes da situação ter sido calar.

Gráfico 3. Análise de clusters a partir dos tweets de líderes partidários da Câmara dos Deputados, Brasil, 1º de abril a 8 de maio de 2020



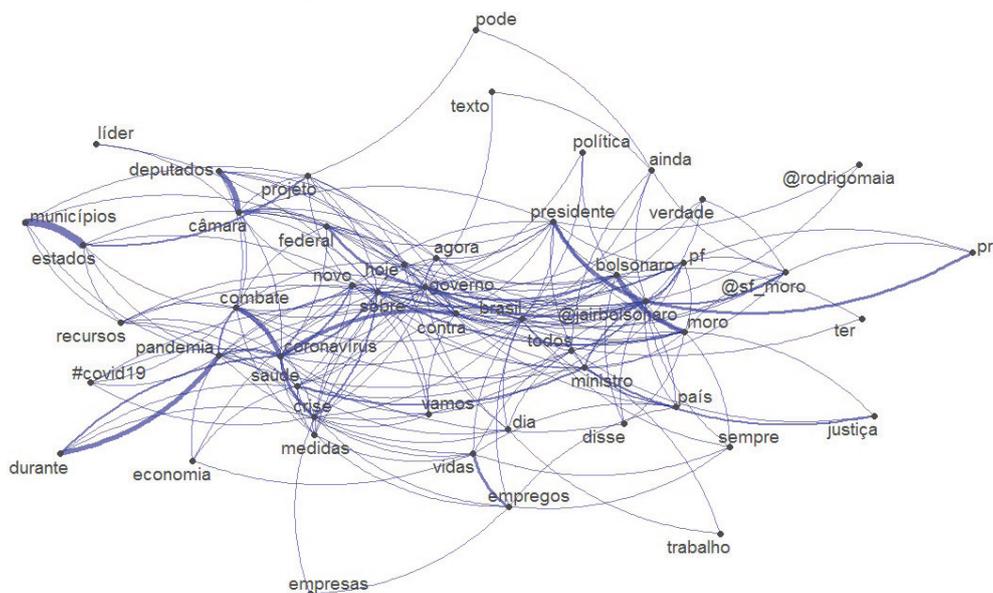
Fonte: As autoras

Aprofundando um pouco mais nos pontos nodais temáticos de líderes de oposição e líderes da situação, optou-se pela análise léxica a partir do pacote *quanteda* para R; a base das análises quantitativas foi a frequência de palavras. No caso da situação, é possível ver a automarcação ou a marcação de outros usuários de forma saliente, sendo que a palavra que mais apareceu foi “@jairbolsonaro”. Além disso, palavras como empregos, *mdb* e orçamento estão presentes, o que reforça o entendimento de que a situação pautou centralmente a questão econômica e da manutenção de empregos nesse intervalo de tempo. Em relação à oposição, a palavra mais falada é *bolsonaro*, mas chama atenção que não o marcam diretamente, apenas o nomeiam. Ademais, nota-se que os membros da situação marcam uns aos outros em nível muito maior que os membros da oposição. Isso indica um comportamento diferente entre os grupos: a situação fala entre si, mas a oposição usa o Twitter para posicionamento com relação aos seus seguidores.

Apesar da igualdade no que se relaciona à palavra mais falada, os demais termos mostram que, de fato, os líderes de oposição e os líderes de situação têm formas diferentes de analisar o mundo. Entre as palavras mais digitadas, por lideranças de oposição ao governo, estiveram *direitos*, *trabalhadores*, *vida*, *mortes* e *pobres*. Sendo assim, a maior preocupação nos argumentos desse grupo são os direitos dos trabalhadores e a manutenção das vidas na pandemia. Já as lideranças de governo se preocuparam em argumentar a respeito do *orçamento*.

Quando se foca o olhar no diagrama das palavras ditas pelos líderes governistas se vê que *Bolsonaro*, *Moro*, *governo* estão ligadas entre si. E palavras como *empregos* e *trabalhos* se encontram pouco relacionadas a esses tópicos. No entanto, Bolsonaro, de forma geral, perde sua centralidade. Nota-se que tanto o presidente quanto o ex-ministro Moro são “tagueados” com frequência.

Gráfico 4.2. Gráfico de co-ocorrência dos líderes partidários da situação na Câmara dos Deputados, Brasil, 1 de abril a 8 de maio de 2020



Fonte: As autoras

No diagrama que mostra as palavras faladas pela oposição há laços fortes visíveis entre *Bolsonaro*, *presidente*, *Moro*, *contra*, *pandemia*, sendo que palavras como *isolamento*, *vida* e *combate* se encontram mais afastadas. Nota-se que o gráfico com o léxico total estava sendo enviesado pela maior quantidade de *tweets* da oposição.

continuum. Assim, quando se analisa as elites políticas do Poder Executivo e do Poder Legislativo, no Twitter, também é possível perceber que há laços fracos e relações inconstantes entre o presidente da República e os líderes da Câmara dos Deputados. Jair Bolsonaro se encontra muitas vezes em relações tensas com o Congresso Nacional, como apontaram as manchetes na Folha de S. Paulo. Além disso, Jair Bolsonaro se tornou a figura que os demais atores políticos tendem a ter cuidado de se aproximar, isso pode ser visto nas análises aqui feitas e também em recentes análises sobre as campanhas eleitorais de 2020 e a não decolagem de candidatos apoiados pelo chefe do Executivo⁶. Para agendas futuras, é imprescindível que se analise um escopo temporal mais extenso, exatamente para entender se os padrões aqui observados têm continuidade.

Referências bibliográficas

ABRANCHES, Sérgio. Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro. *Dados*. Rio de Janeiro, 5-38, 1988.

ALMEIDA, Helga. **Representantes, representados e mídias sociais. Mapeando o mecanismo de agendamento informacional**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

ALMEIDA, Helga. ABELIN, Pedro. PEREIRA, Matheus. FERREIRA, Maria Alice. Twittocracia e o populismo de direita: Uma análise comparativa entre o caso norte-americano e o brasileiro. *Anais do 12º Encontro da ABCP*, 2020.

ALMEIDA, Helga. FERREIRA, Maria Alice. ABELIN, Pedro. PEREIRA, Matheus. Tweetocracia e o populismo 2.0: o caso do Brasil. *Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS*, 2019.

BENTIVEGNA, Sara. *Parlamento 2.0. Strategie di comunicazione politica in internet*, Milano, Franco Angeli, 2012.

COLEMAN, Stephen. Making parliamentary democracy visible: speaking to, with, and for the public in the age of interactive technology. In: CHADWICK, Andrew; HOWARD, Philip. *The Routledge Handbook of Internet Politics*. London, Routledge, 86-98, 2010.

FIGUEIREDO, Argelina; LIMONGI, Fernando. Bases institucionais do presidencialismo de coalizão. *Lua Nova*, São Paulo, 81-106, 1998.

FIGUEIREDO, Argelina. LIMONGI, Fernando. Poder de agenda e políticas

⁶ <https://www.dw.com/pt-br/o-peso-de-bolsonaro-nas-eleicoes-municipais/a-55407563> Acesso em 30 de outubro.

substantivas. In: RENNÓ, Lúcio. INÁCIO, Magna. **Legislativo brasileiro em perspectiva comparada**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 77-104, 2009.

GOMES, Larissa Peixoto. **What, how, and who: the substantive representation of women in Brazil, the UK, and Sweden**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

GOMES, Sandra. O impacto das regras de organização do processo legislativo no comportamento dos parlamentares: Um estudo de caso da Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988). **Dados**, Rio de Janeiro, 193-224, 2006.

LESTON-BANDEIRA, Cristina. The impact of the internet on parliaments: a legislative studies framework. **Parliamentary Affairs**, Oxford, 655-674, 2007.

MENDES, Luciana Carla Kwiatkoski Baumann. **A produção jornalística e as mídias sociais: a utilização do Facebook e do Twitter na construção da notícia**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2014.

MIRANDA, Geralda Luiza de. A delegação aos líderes partidários na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 201-225, 2010.

NORRIS, Pippa. **Digital divide: Civic engagement, information poverty, and the Internet worldwide**. Cambridge University Press, Cambridge, 2001.

OBSERVATÓRIO DO LEGISLATIVO BRASILEIRO. **Como votaram os congressistas no primeiro ano de Governo Bolsonaro?** <https://olb.org.br/como-votaram-os-congressistas-no-primeiro-ano-do-governo-bolsonaro/> Acesso em 31 de outubro. 2020.

RENNÓ, Lúcio. Críticas ao presidencialismo de coalizão no Brasil: Processos Institucionalmente Constritos ou Individualmente Dirigidos? In: AVRITZER, Leonardo. ANASTASIA, Fátima. **Reforma Política no Brasil**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 269-271, 2006.

SANTANA, Luciana. GONTIJO, Elaine. O que dizem os vetos presidenciais derrubados pelo Legislativo durante a pandemias. <https://politica.estadao.com.br/blogs/legis-ativo/o-que-dizem-os-vetos-presidenciais-derrubados-pelo-legislativo-durante-a-pandemia/> Acesso em 31 de outubro. 2020.

SANTOS, Fabiano. **O poder legislativo no presidencialismo de coalizão**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.

SATHLER, Malena Rebhein. BARROS, Antonio Teixeira de; BERNARDES, Cristiane Brum. Faces partidárias na esfera virtual: a atuação política das lideranças da Câmara dos Deputados no Facebook. In: PERLIN, Giovana. SANTOS, Manoel Leonardo. **Presidencialismo de coalizão em movimento**. Edições Câmara, Brasília, 315-352, 2019.